

Gênero e Sexualidade na Atenas Clássica: um estudo comparativo entre as cortesãs e as esposas atenienses

Edson Moreira Guimarães Neto *

Resumo: Este artigo tem o objetivo de realizar um estudo comparado dos processos de construção de identidade das cortesãs e das esposas legítimas na Atenas Clássica.

Palavras-Chave: Grécia, identidade, poder.

Abstract: This article aims to conduct a comparative study of the processes of identity construction of the courtesans and of the legitimate wives in Classical Athens.

Key-Words: Greece, identity, power.

Desde os primeiros anos da década de setenta do século passado, a produção historiográfica que destaca os grupos femininos no mundo antigo vem crescendo em número e qualidade ao longo dos anos, contudo esses estudos tem se concentrado, sobretudo em grupos como as divindades e as esposas legítimas, estando as prostitutas relegadas em geral, a meros tópicos ou capítulos dessas obras e a uns poucos livros voltados a tal temática, e, além disso, dificilmente esses trabalhos estabelecem qualquer tipo de relação entre os diferentes grupos femininos.

Consideramos que o *mundo dos prazeres* se constituía em uma importante parte da vida cotidiana ateniense, e que componentes de tal contexto as *hetairai* não devem ser desprezadas ou relegadas a um segundo plano. Por tudo isso, definimos as cortesãs e as esposas atenienses como nossos objetos de estudo, e nos propomos a utilizar, como premissa de uma análise mais profunda, a categoria *gênero* que sublinha o aspecto relacional entre os grupos que compõem uma determinada sociedade. Consideramos que para compreendermos as ações desses grupos, necessitamos, em primeira via, saber como se desenrolava a dinâmica social em que estavam inseridos.

Entendemos que a sociedade ateniense não se caracterizava por uma demarcação tão rígida de espaços, campos de atuação e comunicação como aquela que os discursos normativos tentavam mostrar (ou talvez aconselhar). Acreditamos que as práticas cotidianas da *pólis* estavam impregnadas por elementos como gênero, sexualidade e poder, e que esses eram as molas mestras das relações sociais inter e intra-grupais estabelecidas naquela dinâmica.

* Mestrando do PPGHC/UFRJ e bolsista da CAPES.

Se as atenienses e as cortesãs mantinham contatos constantes e diretos com os detentores do poder (os cidadãos atenienses), somos levados a dois pressupostos: 1) Ambos os grupos tinham algum tipo de participação ou relação com o poder exercido em Atenas; 2) Pode-se considerar certo que esses grupos tivessem alguma relação mesmo que indireta, e bastante provável que estabelecessem contatos diretamente mesmo.

Por tudo isso, admitindo certa permeabilidade e permissividade nos espaços de atuação e na conduta diária das cortesãs e das atenienses, se faz necessário um estudo comparado entre tais grupos, acreditando que com isso aparecerão similitudes e diferenças que nos possibilitarão desvelar como e quando os diferentes universos femininos¹ se entrelaçavam e em que forma e grau tomavam parte nas dinâmicas de poderes da Atenas Clássica.

No presente trabalho analisaremos, através de alguns exemplos contidos na documentação textual e na cerâmica ática, como processos de construção de identidades coletivas diferenciados poderiam influenciar nos níveis de participação exercidos por cortesãs e mulheres atenienses nos jogos de poder da Atenas Clássica.

Defendemos que enquanto as cortesãs conviviam em uma dinâmica estritamente agonística, onde deveriam sobrepujar umas as outras, as esposas legítimas atenienses estabeleciam aquilo que Fábio Lessa chama de *redes informais de amizade*, que as proporcionariam, através de ações conjuntas uma obtenção de poder de barganha bastante considerável (LESSA, 2004: 12 e 155).

Lissarrague classifica as cortesãs como simples acessórios contribuindo para o bom desenvolvimento do banquete. Contudo, está claro que a partir do contato sexual estabelecido entre as *hetairai* e os jovens atenienses inevitavelmente surgiam diversos tipos de relações. Segundo Claude Calame, poderia haver fortes laços de *philia* entre uma *hetaira* e alguns de seus clientes (CALAME, 2002: 128-9).

Não só os textos escritos como também diversas cenas da imagética relativa aos banquetes trazem representações de contatos afetuosos entre convivas e *hetairai*, como na figura 1².

¹ O termo está no plural de acordo com os preceitos da categoria gênero que pressupõe pluralidades no masculino e no feminino.

² Localização: Berlin, Antikensammlung 2269. Temática: Prostituição. Proveniência: Italy, Chiusi. Forma: *Kylix*. Estilo: Figuras Vermelhas. Pintor: Kiss Painter. Data: 525-475 a.C. Indicações Bibliográficas: KEULS, 1993: 192, fig.174; LEWIS, 2000: 124, fig.3.25.

Figura 1



Na figura 1, vemos o medalhão interior de uma *kýlix* de figuras vermelhas fabricada por volta de 525-475 a.C. e atribuída a Kiss Painter - famoso por pintar cenas de beijos. Sabemos que se trata de uma cena de prostituição pelos fatos de o homem em cena ser ainda um garoto (ausência de barba) e as duas faces exteriores estarem decoradas com cenas de *kômos*. A cena mostra uma pequena *hetaíra* vestida abraçando um jovem rapaz que demonstra reciprocidade ao seu gesto passando as mãos em torno do pescoço da menina. Na figura 1, o posicionamento e o gestual das personagens em cena, aliados aos jogos de olhares transmitem uma atmosfera de intimidade e afeição (LEWIS, 2002: 122-4).

A documentação textual nos mostra que se cenas desse tipo eram comuns no universo dos *sympósia* elas eram incitadas pelas próprias cortesãs, como podemos ver na seguinte passagem:

Uma hetaíra não é mais amável do que uma mulher casada? Evidentemente é muito mais, e isso é natural. Com efeito, mesmo que não revele o menor interesse, a esposa não pode legalmente ser expulsa de casa pelo marido. A prostituta, em troca, sabe que deve conquistar um homem por seus modos amáveis. Se não proceder assim, ele procurará outra (ATENEUS, XIII, 559).

Ocasões desse tipo mostram que embora as cortesãs atenienses não gozassem de um *status* social privilegiado, estando inclusive abaixo das esposas e mais ainda em relação aos homens, a idéia de que elas eram objetos passivos não se confirma, pois fica claro que elas agiam no sentido de buscar uma melhor posição umas em relação às outras e em relação à sociedade.

As *hetaírai* tinham como principais funções entreter seus clientes por meio do canto, da dança, da música e do ato sexual (LIMA, 2000: 23). Além disso, o máximo que qualquer cortesã poderia almejar seria o concubinato, levando uma vida semelhante à de uma esposa,

mas estando desamparada pelas leis da *pólis*, podendo ser abandonada por seu bem-feitor no momento em que este assim desejasse. Esses fatores assinalam o caráter efêmero dos contrapoderes e das relações de *philía* que essas mulheres pudessem estabelecer em seus contatos com os cidadãos, como podemos ver na seguinte passagem:

[...] um dia ficamos todos velhos [...] Cedo chega o que destrói o amor. Olha agora para elas, para tuas rugas, teus cabelos grisalhos, teu corpo decrépito e tua boca que perdeu toda a graça da juventude. Tu eras muito orgulhosa! Quem pensa agora em se aproximar de ti para obter algo? Agora passamos diante de ti como se passa diante de um sepulcro (Antologia Palatina, V, v.21).

Com base nisso tudo, somos levados a crer que as *hetaírai* estavam inseridas no universo social da *pólis* apenas durante a juventude e enquanto seus corpos constituíssem objetos de desejo, atraindo cidadãos em busca de prazer. Passada a juventude, a grande maioria dessas mulheres estaria fadada ao esquecimento e, conseqüentemente, à miséria. Contudo, embora fosse este o destino mais comum para tais mulheres não era certo. Temos exemplos como o de Herpílis, que viveu com Aristóteles, de quem teve Nicômaco, além de ser incluída em seu testamento; e não esquecendo que “a Grécia orgulhosa e invencível era escrava da beleza divina de Laís”, mesmo depois de sua morte (SALLES, 1982: 127-37).

Ao se depararem com as possibilidades de futuros tão distintos (o conforto ou a miséria), essas mulheres, embora estivessem inseridas numa dinâmica que pressupunha normalmente que fizessem parte de um conjunto, agiam visando seus interesses individuais. Cada uma delas buscava, de alguma forma, ocupar um plano superior ao das demais *colegas* de trabalho, para assim assumir maior destaque ante os olhos dos clientes, se tornarem mais disputadas entre eles, e adquirir maior poder de barganha nas relações de poder com os mesmos. Essa competição em busca de *espaço* poderia acirrar sensivelmente a rivalidade entre algumas *hetaírai*, como nos mostra Luciano:

Taís começou a dançar levantando bastante as vestes, como se fosse a única a ter belos tornozelos! [...] Dífilo começou a parabenizá-la além da conta por seu senso de ritmo e da dança [...] Então, essa Taís – tu sabes como ela é – pôs-se imediatamente a me lançar indiretas: ‘Há uma aqui, dizia, que – se não tivesse vergonha de suas pernas magricelas – também se levantaria para dançar’. [...] Levantei-me e pus-me a dançar. [...] Não podia ficar parada em meu lugar [...] permitindo assim que ela se tornasse a rainha da festa (LUCIANO. Diálogo das Cortesãs, v.3).

Defendemos que essa postura mais individualista assumida pelas *hetaírai* influenciou para que o processo de construção e auto-reconhecimento de suas identidades, tanto grupal como

individual, se constituísse de maneira divergente aos dos cidadãos e das *esposas legítimas* atenienses, por exemplo.

Como já foi visto em recentes trabalhos da historiografia, os cidadãos e as *esposas legítimas* atenienses se reconhecem como indivíduos, e, mais que isso, como integrantes de um grupo³. Tais grupos exercem um tipo de coesão social que se mantém através de processos de integração, interações sociais, exclusões e conflitos⁴.

No caso das *esposas legítimas* atenienses, os documentos nos trazem uma série de exemplos dessas ações coletivas e, além disso, temos aquilo que Fábio Lessa chama de *redes sociais de amizade*. Esse autor parte do pressuposto de que todas as sociedades são formadas por diversos grupos sociais que se relacionam uns com os outros, e que esses grupos constroem uma coesão social, “mantida por processos de integração, interações sociais, exclusões e conflitos”. No caso das *pólis*, o processo de integração era plural, se constituindo pela aceitação do *outro*, remetendo à construção de identidades e alteridades, sendo que tal relação atuaria “no sentido de propiciar a coesão social entre as esposas atenienses”. Na sociedade *políade*, as mulheres encontravam sua definição, sobretudo, através do seu lugar e dos seus deveres (LESSA, 2004: 14).

As mulheres atenienses, se utilizando de *táticas*, puderam criar “lugares sociais de participação e de fala”, além de “espaços específicos de validação social”, o que permitiu a construção de redes sociais informais que tinham como elemento de coesão a amizade – *philia* - e que permitiram que atuassem “na integração e reprodução da estrutura *políade*” por meio de ritos, festas cívicas públicas e políticas (LESSA, 2004: 12).

Lessa ressalta ainda que, mesmo sendo necessário considerar as diversas dimensões do político, é interessante darmos certa prioridade à utilização do conceito de *participação cívica* e não de *participação política*, pois as conquistas das esposas legítimas aconteciam no espaço cívico. Este “excede os meios formais de participação”, os espaços físicos tradicionais e os segmentos sociais masculinos, englobando as maneiras informais de participação e a diversidade dos grupos sociais componentes da *pólis*, de tal forma, “favorecendo a desconstrução da noção fixa de passividade feminina” (LESSA, 2004: 12-3).

³ Para a questão dos cidadãos, ver: THEML, 1998. Para a questão das esposas, ver: LESSA, 2001 e 2004.

⁴ Segundo Tomaz Tadeu da Silva, a identidade só pode ser construída em um aspecto relacional com os *outros*, ou seja, quando o indivíduo reconhece o que ele é, automaticamente também conclui o que não é e de que grupo não faz parte. Contudo esse processo de construção da identidade só se completa quando o indivíduo se reconhece pertencente a um determinado grupo, ou seja, quando reconhece seus *iguais* (DA SILVA, 2000: 74-6).

O processo de integração nas *póleis* – baseado numa divisão hierárquica jurídica, de prestígio e de honra e vergonha entre os diversos grupos - pressupõe uma dinâmica plural e a aceitação do *outro*. Conhecendo essa diversidade inerente à construção da sociedade *políade*, defendemos que as atenienses, participantes da *koinonía*, sabiam em quais lugares lhes era permitido atuar e se valeram deles para criarem suas táticas de participação social.

As *esposas legítimas* atenienses tinham uma série de atividades específicas relativas ao seu *status* e às suas funções como gestoras do *oikos*. Dentre essas tarefas estão a administração do patrimônio da família, a tecelagem, a fiação, a confecção de vestimentas, a transformação dos cereais e a preparação dos alimentos. Contudo, não devemos acreditar que as atividades femininas estavam reduzidas unicamente a vestir e alimentar a família (MACTOUX, 1994/95: 308). As esposas, em seus grupos de atividades, desenvolviam um tipo de saber (*sophía*) decodificado pelos outros grupos femininos. Através da aprendizagem, do convívio em grupo, da rotina das atividades executadas e das tradições transmitidas de mães para filhas, essas mulheres obtinham um conhecimento especializado. As funções exercidas pelas esposas legítimas pressupunham a existência de uma *téchne*, um saber feminino específico. Esse conhecimento ia além da educação na casa dos pais e do treinamento dado pelo marido, através da elaboração de “um tipo de saber próprio, aperfeiçoado pelo exercício diário das atividades e pela divisão das tarefas em um convívio em grupo” (LESSA, 2004: 35).

Acreditamos que dentre as atividades características do universo feminino em Atenas, as que mais propiciavam a integração grupal eram a fiação e a tecelagem, pois a atuação em conjunto, através da formação de uma equipe, favorecia a eficiência e a produtividade de tais atividades em comparação a uma prática em separado (BARBER, 1992: 108). Pode ser argumentado que a fiação e a tecelagem não eram atividades exclusivas das esposas legítimas dos cidadãos atenienses, contudo, para essas mulheres, tais práticas podem ser entendidas como critério de virtude, visto que devido a sua condição econômica não tinham a necessidade de exercê-las pessoalmente.

Durante o trabalho em conjunto, as mulheres trocavam entre si informações sobre os mais diversos assuntos, mantendo-se coesas como grupo. Ao longo do período de convivência, deveriam ocorrer os processos de interação social entre as esposas e as demais

mulheres presentes no *oîkos*. Acreditamos que tais afirmações podem ser confirmadas pela cena representada na figura 2⁵.

Figura 2



Aqui temos uma *pýxis* de figuras vermelhas, onde sete mulheres estão agrupadas em duplas ou em trios. À direita da porta, a primeira mulher está sentada; sua face é vista frontalmente, voltando-se para o espectador da imagem; ela segura um objeto oval que pode ser uma roca ou um espelho. Diante dela, outra mulher segura um pequeno tear. O grupo seguinte está organizado em volta de um pequeno cofre de madeira que está no chão; a mulher da esquerda estende um *alabástros* àquela que está à sua frente. O último grupo, contendo três mulheres, se organiza em relação a uma mulher sentada que tem a mão esquerda levantada. Uma mulher dobra um grande tecido, enquanto que a sua direita há um cofre que pode servir para armazená-lo. Podemos observar ainda, na cena, um pequeno pássaro familiar, um vaso a despejar e um objeto em forma de cruz cujo contexto de uso não foi recuperado (LISSARRAGUE, 1998: 161).

É difícil definir os vínculos sociais que existiam entre as personagens em cena, contudo podemos supor que esses vínculos pudessem ser de parentesco, ou mesmo de amizade. Além disso, não devemos deixar de observar que as vestimentas (*chítion* plissado de cor clara) e os instrumentos de trabalho como a roca nos levam a acreditar que as personagens pertencem ao grupo das *bem-nascidas*. Ainda deve ser notado que a presença de uma coluna, do leito nupcial (*thálamos*), da mobília, do animal doméstico e dos objetos pendurados na parede evidenciam que a cena se desenrola no interior do gineceu, e o fato de todas as

⁵ Localização: Paris, Louvre CA 587; Temática: Gineceu; Proveniência: Ática; Forma: *Pýxis*; Estilo: Figuras Vermelhas; Pintor: não fornecido; Data: 450 a.C.; Indicação Bibliográfica: LESSA, 2001: capa; 2004: 42, fig.4.

personagens estarem dispostas em um mesmo plano pode denotar o pertencimento delas ao mesmo grupo social. É salutar observar que personagens e objetos aparentam atuar em um mesmo quadro espaço-temporal, explicitando um entrosamento necessário à realização de uma atividade conjunta. O gestual das personagens parece reforçar a sincronia necessária para o êxito das atividades em grupo (LISSARRAGUE, 1998: 161).

Os instrumentos utilizados nas atividades femininas eram leves, portáteis e raramente fixos, evidenciando que as esposas necessitavam permanecer restritas a um certo espaço para a realização das atividades domésticas. Tais características permitiriam uma circularidade e a recorrência por parte das esposas aos grupos de amizades, garantindo que obtivessem ajuda para realizarem suas tarefas, concedendo às relações entre amigas um caráter voluntário, igualitário e recíproco (MACTOUX, 1994/95: 310).

Para desempenharem as atividades de fiação e tecelagem, as esposas recorriam, além de suas escravas, aos membros de sua família, às suas vizinhas e às suas amigas. Ao dividirem o mesmo espaço e executarem as mesmas funções ao longo de um tempo considerável, as esposas obtinham “a possibilidade de trocarem impressões umas com as outras, de se informarem, de consolidarem grupos de cooperação mútua e de *philia*”. A realização de atividades em grupo dava às esposas *bem-nascidas* a oportunidade de estabelecerem códigos de fidelidade pessoais, por meio das relações de *philia*, utilizadas como tática para a criação de um lugar social feminino na sociedade *poliade* (LESSA, 2004: 49 e 55).

A participação das esposas não estava limitada às atividades desenvolvidas no interior do *oikos*, pois o próprio cumprimento de certas tarefas levava as esposas ao exterior, à *khóra* ou, mesmo, à *agorá*. Dessa forma, o próprio espaço público era marcado por tais atividades (MACTOUX, 1994/95: 309).

A documentação evidencia tamanha gama de condutas e destinos, que nos parece muito mais palpável acreditar que as cortesãs atenienses se identificavam através dos *outros* como indivíduos, mas não conseguiam dispor de ferramentas suficientes para se reconhecerem como grupo. Assim, consideramos que o processo de construção de identidade das *hetairai* se dava apenas de forma parcial ou incompleta, pois, em certa medida, pode-se dizer que: elas sabiam o que não eram, pois reconheciam os *outros*; sabiam o que gostariam de ser; mas, ironicamente, não sabiam o que eram, ou, melhor dizendo, a que grupo pertenciam.

Indo um pouco além, nos parece que essa dificuldade demonstrada pelas *hetairai* em se entenderem e, portanto, agirem como grupo resultava de forma negativa sobre seu

desempenho nas relações de poder em que estavam inseridas. Consideramos que, como indivíduos isolados e que competiam entre si, sua força, influência e poder de barganha se tornavam muito mais insipientes do que poderiam ser caso atuassem como um grupo coeso.

De outra forma apresentam-se as *esposas legítimas* atenienses, que além de estarem protegidas pelas leis da *pólis*, conseguiam formar grupos coesos através daquilo que Fábio Lessa chama de *redes sociais de amizade* (LESSA, 2002: 124-5). Essa capacidade de atuação coletiva lhes fornecia maior poder de barganha tanto nas relações de poder no interior do *oïkos* como também ao considerarmos sua participação na *koinonía*.

Bibliografia:

BOURDIEU, P. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BARBER, E. J. W. The Peplos of Athena. In: NEILS, J. *Godess and Pólis: The Panathenaic Festival in Ancient Athens*. New Jersey: Princeton University Press, 1992.

CALAME, C. *Eros en la Antigua Grecia*. Madrid: Ediciones Akal, 2002.

CERQUEIRA, F.V. Música e Gênero no Banquete: o registro da iconografia ática e dos textos antigos (séc. VI e V a.C.). In: LESSA, F.S. & BUSTAMANTE, R.M.C. (org). *Memória e Festa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, pp.37-47.

DA SILVA, T.T. A produção social da identidade e da diferença. In: DA SILVA, T.T., HALL, S. & WOODWARD, K. (org.). *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, pp.73-102.

KEULS, E.C. *The Reign of Phallus: Sexual Politics in Acient Athens*. California: University of California Press, 1993.

_____. *Painter and Poet in Ancient Greece: Iconography and Literary Arts*. Stuttgart and Leipzig: B. G. Teubner, 1997.

MACTOUX, M-M. Autour Du Travail ao Féminin. In: *Métis: Revue d'Anthropologie Du monde Grec Ancien*. Paris – Athènes, 1994-1995, v.IX-X.

LESSA, F.S. *Mulheres de Atenas: Mélissa do Gineceu à Ágora*. Rio de Janeiro: LHIA-IFCS, 2001.

_____. *O Feminino em Atenas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

LEWIS, S. *The Athenian Woman: an iconographic handbook*. London and New York: Routledge, 2002.

LIMA, A.C.C. *Cultura Popular em Atenas no V Século a.C.*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2000.

LISSARRAGUE, F. *The Aesthetics of the Greek Banquet: Images of Wine and Ritual*. Princeton: Princeton University Press, 1990.

_____. Images du Gynécée. In: VEYNE, P. et alli. *Les Mystères du Gynécée*. Paris: Gallimard, 1998.

POMEROY, S. *Diosas, Rameras, Esposas y Esclavas: Mujeres en la Antigüedad Clássica*. Trad. R. L. Escudero. Madrid: Akal, 1999.

SALLES, C. *Nos Submundos da Antigüidade*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

THEML, N. *O Público e o Privado na Grécia do VIII ao IV séculos a.C.: O Modelo Ateneiense*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.

VRISSIMTZIS, N. A. *Amor, Sexo e Casamento na Grécia Antiga*. São Paulo: Odysseus, 2002.